

A SOCIABILIDADE HUMANA EM ARISTÓTELES: Uma reflexão acerca do progresso do conhecimento humano nos âmbitos individual e coletivo

*HUMAN SOCIABILITY IN ARISTOTLE:
A reflection on the progress of human knowledge regarding the scopes of the
Individual and the Collective*

Antonio Glauton Varela Rocha¹

RESUMO: A sociabilidade humana é um tema que tem se tornado recorrente no ambiente intelectual mais recente. A reflexão deste artigo tem a sociabilidade humana como contexto de base. Buscamos aqui relacionar o modo como Aristóteles explicou o processo de conhecimento humano e a defesa da ideia de que a sociabilidade não se esgota na esfera das escolhas, mas seria uma condição do existir propriamente humano.

PALAVRAS-CHAVE: Conhecimento. Experiência. Percepções. Aristóteles. Sociabilidade.

ABSTRACT: Human sociability is a subject that is becoming recurrent in the current intellectual ground. Human sociability is the contextualized basis on the thoughts in this paper. We intend here to relate how Aristotle had explained the process of human knowledge and the defense of the notion that sociability does not run out at the sphere of choosing, but rather a condition of the human existing properly.

KEYWORDS: Knowledge. Experience. Perception. Aristotle. Sociability.

1. Introdução

A sociabilidade enquanto dimensão do existir humano é um tema consideravelmente controverso. Na contemporaneidade o tema foi recolocado com mais frequência nos debates intelectuais, trazido especialmente no contexto de importantes reflexões sobre a intersubjetividade e sobre os condicionamentos culturais gestados no interior da história humana (que é marcadamente efetivada no contexto das relações interpessoais). É uma temática que se desenvolve num contexto complexo, em que por um lado existe uma atmosfera intelectual que destaca os temas da intersubjetividade e da relação; mas por outro lado, vemos que as relações sociais concretas ainda são muito marcadas pelo individualismo. Este texto é vinculado ao contexto de uma pesquisa maior, que trabalha a temática do equilíbrio entre singularidade e sociabilidade. O intuito é apontar mais um indício que nos

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor do Curso de Filosofia do Centro Universitário Católica de Quixadá – UNICATÓLICA. Link currículo lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4259622J8>
E-mail: glautonvarela@unicatolicaquixada.edu.br
Telefone: (88)99908-4078

permita defender a razoabilidade da tese de que a sociabilidade humana não é apenas uma dimensão acidental, mas uma dimensão constituinte do ser humano. A proposta do texto será trabalhar esta temática a partir de uma reflexão acerca do conhecimento humano no pensamento de Aristóteles.

Partiremos de uma exposição a respeito da unidade e inter-relação vertical da concepção aristotélica de conhecimento. O que buscamos neste passo é detectar neste processo de desenvolvimento do conhecimento no âmbito individual alguns elementos que dialoguem como o processo de desenvolvimento do conhecimento no âmbito coletivo. No contexto coletivo o conhecimento humano avança a partir de articulações de pensamentos e teorias, estas conexões estão presentes no nosso cotidiano, e o que buscaremos apontar neste texto é como este processo pode ser reflexo do próprio modo de ser humano conhecer.

2. Unidade e articulação vertical da concepção aristotélica de conhecimento

O processo de desenvolvimento do conhecimento em Aristóteles possui elementos de clara oposição à concepção de epistemologia em Platão². Aristóteles mostra como se dá o processo de conhecimento, desde as articulações (ou conexões) das informações mais simples até as mais complexas, mas o que se mostra de fato como um real diferencial é que ele inclui como fator primário neste processo um elemento que, segundo Platão, deveria ser considerado como secundário: *as senso-percepções*. Veremos à frente a importância deste elemento básico, e como ele se interliga com os outros passos do conhecimento em Aristóteles até que cheguemos às noções mais complexas, como *os universais e à sabedoria*. De início refletiremos sobre o movimento de unidade e articulação vertical da concepção aristotélica de conhecimento.

As senso-percepções são como que a matéria-prima básica do conhecimento. Elas deixam uma herança naquele que as sente: a recordação³ de imagens⁴ de senso-percepções passadas. Após a recepção da senso-percepção, o próximo passo se dá a partir da inter-

² “Ora, como, para Platão, ‘o que é’ são as Formas, só estas constituem o ‘ser’, cuja recuperação constitui o ‘saber’. Consequentemente, qualquer outra modalidade cognitiva, articulada com a senso-percepção, é desqualificada: seja como ‘crença’ (doxa: no sentido de uma ‘faculdade’, ou estado cognitivo), seja como ‘opinião’ (doxa: produto do processo discursivo), levadas a cabo sobre a ‘aparência’ (doxa: o percebido a partir da sensibilidade)” (SANTOS, José Gabriel Trindade. **Platão: a construção do conhecimento**, p. 18).

³ A recordação se dá a partir da faculdade da memória.

⁴ Um tipo de senso-percepção que dura no tempo.

relação⁵ desta herança com uma senso-percepção atual, o que gera uma experiência⁶ (que atesta que aquela senso-percepção se aplica a imagem recordada presente na memória)⁷.

A partir da experiência o homem é capaz de se antecipar e fazer novas articulações de experiências e memórias. E quando somos capazes de conectar diversas experiências que atingem ou são compartilhadas por qualquer pessoa, chegamos então ao universal. Neste momento Aristóteles insere o conceito de causa⁸. Enquanto não é um saber que envolve causas, estamos diante de um saber apenas experiencial. Um novo patamar do conhecimento é atingido quando o universal é considerado a partir das causas; quando isto é feito, temos satisfeita a condição que gera a passagem da experiência à arte⁹. Mas o objeto da investigação de Aristóteles no tocante ao conhecimento não é simplesmente a arte, mas uma ciência especulativa, que não possui outro objetivo além da busca do saber pelo saber, uma ciência que não busca apenas causas, mas as causas que são causas de si mesmas (os primeiros princípios). É só quando se chega a este tipo de conhecimento que se chega à sabedoria.

Antes de seguirmos ao ponto seguinte, é bom destacar a importância que o universal encontra na compreensão aristotélica do conhecimento humano. O universal é um conceito absolutamente fundamental na epistemologia do estagirita. Para Aristóteles, conhecimento é sempre conhecimento de universais. Sem o conhecimento dos universais o homem não seria capaz de compreender minimamente o mundo em que vive. E, antecipando um pouco o que trataremos um pouco mais a frente, sem o universal não existe a percepção das *aporias* e conseqüentemente não há o *espanto*, não existe então o movente da busca do *saber pelo saber*, não haveria como se chegar à sabedoria.

3. A importância da experiência como articulação de informações

O que vemos por enquanto no processo até aqui descrito é um resgate de um acontecimento passado que se vincula a um acontecimento presente e prepara a recepção dos acontecimentos futuros. Este movimento possibilita que a senso-percepção futura não seja mais encarada como algo absolutamente novo. Isto parece algo banal, mas não é. Não é banal

⁵ Enquanto as senso-percepções co-naturais aos animais em geral, o ato da articulação entre a recordação e uma senso-percepção é o momento da diferença

⁶ “Especialmente inovadora neste sentido é a noção de ‘experiência’, entendida como a unificação, por abstração ‘num universal’ de uma pluralidade de memórias, captadas pela sensibilidade” (SANTOS, José Gabriel Trindade. **A filosofia como atualização da forma do saber**, p. 45).

⁷ Cf. ARISTÓTELES. **Segundos Analíticos**. Livro II. 103a3.

⁸ As causas para Aristóteles são quatro: material, formal, eficiente e final (Cf. ARISTÓTELES. **Metafísica**, A3, 983a25-30).

⁹ Cf. ARISTÓTELES. **Metafísica**, A1, 981a25-b5

porque se cada senso-percepção repetida fosse considerada por nós como plenamente nova, não haveríamos como progredir para novos patamares do conhecimento, pois o processo ficaria estagnado numa constante rerepresentação de uma mesma senso-percepção. Cada novo contato com uma senso-percepção seria assimilado por nós com sendo o primeiro contato. A experiência como articulação de senso-percepções passadas (através das imagens) com as atuais (no momento presente), faz com que a futura senso-percepção não seja mais um recomeço¹⁰, mas um degrau para novos conhecimentos. Sem a percepção de que o segundo contato com uma senso-percepção não é mais o primeiro contato, não teríamos a experiência, e não alcançaríamos o universal. E se todo conhecimento é conhecimento de universais, vemos que o que está em jogo aqui é a própria possibilidade do conhecimento. A capacidade de interligação das informações permite que o processo do conhecimento progrida, e por isso podemos dizer que não estamos diante de uma questão banal, mas de uma questão fundamental no progresso do conhecimento humano.

O momento inicial deste processo de evolução do conhecimento mostra a interligação de informações que acontece no âmbito individual de cada homem. Trata-se de uma combinação de informações que se configura como uma evolução do conhecimento daquele homem específico, mas que uma vez realizado coloca este homem num outro patamar de articulação de informações: aquela que se dá no contato com os outros homens. Esta articulação permite um novo e cada vez mais avançado nível de conhecimentos.

A mesma capacidade de antecipação nos permite combinar as próprias experiências, e está presente no processo de articulação dos nossos conhecimentos com os conhecimentos dos outros. Este processo é vislumbrado no método diaporético de Aristóteles.

4. O método diaporético e a articulação com a “herança” dos outros

Fixar (estabilizar, assentar) um universal na mente não é fixar apenas uma acumulação de informações, mas fixar uma acumulação de articulações de informações. É isto que permite o dinamismo do progresso do conhecimento, seja a inter-relação de senso-percepções com a recordação de senso-percepções passadas (que formam a experiência), seja a inter-relação entre experiências, seja entre universais, entre raciocínios ou entre teorias.

¹⁰ Dito de outra forma, devemos lembrar que cada senso-percepção tem unidade e pontualidade, por isso elas possuem um *aqui* e um *agora*. Sem a articulação que resulta na experiência, o nosso contato com cada senso-percepção nunca ultrapassaria o aqui e o agora, independente de quantas vezes entrássemos em contato com a senso-percepção de uma determinada realidade no mundo.

É interessante notar que esta estrutura de acúmulo de articulações de informações que se desenvolve inicialmente num processo individual, repete-se no momento em que os homens atingem o patamar do conhecimento que se realiza no contexto da relação com os outros. O método diaporético de Aristóteles nos mostra que o homem não parte do nada, mas tem diante de si o articular de informações feitas por outros homens, e o confronto com este esforço dos outros homens traz consigo a possibilidade de avanço no conhecimento.

Para entendermos melhor o método diaporético de Aristóteles é salutar partir do conceito de *espanto*¹¹. É uma passagem muito conhecida da *Metafísica* de Aristóteles aquela que diz que a filosofia nasce do espanto. Os que primeiro filosofaram foram os primeiros que se espantaram, inicialmente com os fenômenos mais simples, e depois progressivamente em relação às questões mais complexas. O espanto a que se refere Aristóteles é o momento em que o homem percebe que não tem uma resposta para um determinado problema¹². De repente nos deparamos com uma pergunta que antes não era percebida, e a impossibilidade de resposta para esta pergunta instiga a busca por uma solução à questão que nos inquieta. Aquilo que nos espanta e nos coloca frente à impossibilidade da resposta é o que Aristóteles chama de *aporia*¹³. Em outras palavras, a *aporia* é a “não passagem”, é o “sem poro”, não há saída visível para aquilo que desejamos saber¹⁴.

Segundo o método diaporético de Aristóteles, é preciso entender bem a dificuldade que se apresenta e enfrentá-la, é o que Aristóteles chama de explorar (atravessar) a dificuldade. Este enfrentamento passa pelo estudo de como os outros enfrentaram tal dificuldade e depois pelo confronto da atual dificuldade com o enfrentamento dos outros pensadores¹⁵. Estes passos são fundamentais para que se possa fechar o ciclo do método com a proposta de uma resposta própria para o problema.

Falar do método diaporético cumpre aqui mais de um objetivo. Em primeiro lugar expomos como forma de apresentação de um momento importante na progressão individual do conhecimento humano em Aristóteles. Em segundo lugar, também percebemos neste método a importância do contato com outros pensadores para que possamos avançar nas dificuldades relativas ao conhecimento. O método diaporético evidencia o encontro de dois momentos do conhecer humano, do ponto de vista individual é um momento importante na progressão do conhecimento de um indivíduo específico, mas é também um ponto de toque

¹¹ Cf. ARISTÓTELES. *Metafísica*, A2, 982b10.

¹² Cf. M ARISTÓTELES. *Metafísica*, A2, 982b15

¹³ A versão em português da tradução de Giovane Reale traduz *aporia* como dificuldade (Cf. p. 85).

¹⁴ Cf. SANTOS, José Gabriel Trindade. *A filosofia como actualização da forma do saber*, p. 51.

¹⁵ Cf. SANTOS, José Gabriel Trindade. *A filosofia como actualização da forma do saber*, p. 51.

entre a progressão individual do conhecimento e a progressão coletiva do conhecimento. Isso porque ao mesmo tempo em que eu avanço nos meus passos individuais no processo de conhecimento, a humanidade também avança, e na verdade a bem mais tempo que eu. Existe um ponto de encontro destes dois momentos, e este momento é marcado pela existência de uma herança de conhecimentos de outros pensadores que continuam a influenciar a dinâmica da progressão do conhecimento humano¹⁶.

Em seguida trataremos da intuição que move este artigo, e que precisou de uma apresentação da proposta aristotélica do conhecimento para que pudéssemos explicitá-la melhor.

5. Uma história perpassada por uma herança de saberes

Tendo como pano de fundo o encontro a pouco descrito, entre a progressão do conhecimento de um indivíduo específico e a progressão coletiva do conhecimento (o que poderíamos chamar do encontro entre o conhecimento do homem particular e o conhecimento da humanidade), podemos apresentar a intuição básica deste artigo. Partimos da seguinte intuição: usufruímos o saber e avançamos no saber a partir de uma herança compartilhada de saberes que nos antecederam, e esta situação, mais que um modelo escolhido, é um jeito de viver do ser humano, é uma condição.

O que sabemos hoje é uma articulação entre o que pensamos hoje e o que foi pensado antes. Isso se observa claramente quando falamos em termos de cultura, mas também em termos do avanço do conhecimento em geral. Mesmo as descobertas dos grandes gênios, mesmo as mais desafiantes inovações de pensamento, levam em seu interior uma base histórica de combinações de teorias compartilhadas sem a qual a nova articulação de pensamento não seria possível.

A forma como nos relacionamos com esta herança¹⁷ (isso de modo consciente ou não) atestaria a sociabilidade como algo constitutivo do ser humano. Vivemos sob esta herança e a partir desta herança, estamos continuamente compartilhando algo pensado por outros, seja quando usamos uma cadeira, fruto da imaginação de alguém que um dia pensou em algo mais

¹⁶ “...esse problema antes de nós já foi o de outros (e, com alguma probabilidade, continuará a sê-lo depois!)” (Idem, p. 51).

¹⁷ Desenvolvemos os nossos pensamentos a partir do compartilhar e articular das obras e dos pensamentos dos outros.

confortável do que uma pedra ou um tronco caído para que pudéssemos sentar; ou quando alguém coloca em funcionamento uma loja virtual, apoiando a sua iniciativa sobre uma imensa história de combinações de teorias que permitiram a existência da internet e o modo como ela é usada nos dias de hoje. Poderíamos citar inúmeros outros exemplos, esta realidade é tão presente em nossa vida que já não poderíamos pensar em uma vida que fosse humana sem o perpassar presente de antigas e novas articulações de sentidos, práticas, reflexões e teorias¹⁸. Normalmente não pensamos nisto, esta realidade não está em nosso imaginário cotidiano, exatamente porque faz parte do nosso existir como humanos, é algo nosso. Se a sociabilidade não fosse uma condição nossa (do nosso jeito de existir), esta forma de existir que acima descrevemos seria impossível.

Refletindo sobre elementos da teoria do conhecimento em Aristóteles, entendi como argumento razoável trabalhar uma analogia entre o processo individual e o processo coletivo da progressão do conhecimento, como forma de explicitação do que está por trás deste modo peculiar de se relacionar com a herança acima referida. Essa analogia tem o objetivo de tornar mais clara a defesa de que o processo de compartilhamento de uma herança contínua de pensamentos nos aponta para a consideração da sociabilidade como uma condição inerente ao ser humano. Nossa intenção é que a referida analogia aponte para a plausibilidade da intuição básica do artigo.

Aquilo que chamo de conhecimento da humanidade pode ser compreendido como um acúmulo de contribuições que perduram no tempo e são compartilhadas (inicialmente através da cultura oral e depois também através da escrita) com as gerações posteriores, por isso tenho usado aqui a expressão herança compartilhada. Como já foi dito, convivemos com esta herança cotidianamente, seja quando usufruimos os seus feitos, seja quando buscamos novos conhecimentos. Vivemos perpassados por este compartilhar de informações mesmo que não percebamos. A questão que se coloca aqui é até que ponto esta situação é fruto de uma escolha deliberada, ou um arranjo cultural acidentalmente iniciado, ou seria espelho daquilo que o ser humano é em sua natureza, um espelho do seu jeito de ser no mundo.

¹⁸ Muito embora Hannah Arendt não aponte para a ideia de uma natureza humana, sua fala sobre a entrada do homem no mundo comum retrata bem o que eu estou querendo apresentar. Nossa entrada no mundo comum é a entrada em um mundo de significações, interpretações, formas de vida que já existiam antes de nós, e que provavelmente existirão depois de nós. Não adentramos num “mundo tábula rasa”, e o que nele fazemos parte do que ele já ele antes de nós. O que fazemos é a partir disto que já existe, e sua influência continuará após o momento em que o deixaremos. Em suas palavras: “...o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida tanto no passado quanto no futuro, *preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência nele* [grifo nosso]. É isso o que temos em comum não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e com aqueles que virão depois de nós” (ARENDDT, *A Condição Humana*, p. 67).

O nosso olhar sobre os passos do progresso do conhecimento humano assim como é explicitado por Aristóteles, sugere-nos que alguns elementos do processo individual do conhecimento humano se espelham no processo coletivo do conhecimento. Se assim o for, é razoável entender que o que se observa no âmbito coletivo não seria apenas uma escolha ou um arranjo social, mas uma condição que reflete o próprio modo humano de conhecer¹⁹. No início do texto eu descrevo o conceito de experiência de Aristóteles como um resgate de um acontecimento passado que se vincula a um acontecimento presente e prepara a recepção dos acontecimentos futuros. Fiz questão de apontar a importância deste passo porque este momento aparentemente básico e banal, na verdade é o que nos permite que as novas sensações não sejam mais reconhecidas como absolutamente novas. Esta capacidade de não aprisionamento numa “novidade eterna” é fundamental para que possamos avançar em articulações mais complexas (como a articulação entre as próprias experiências) e chegemos ao universal.

Já comentamos que fixar um universal na mente (alma) não é fixar apenas uma acumulação de informações, mas fixar uma acumulação de articulações de informações. Este processo move o avançar do nosso conhecimento, e está presente também quando chegamos a nos deparar com problemas que nos exigem teorias e respostas às dificuldades que se interpõem entre o homem e a busca do saber. Aqui já chegamos à dimensão coletiva do conhecimento, em que o pensamento se articula com os pensamentos dos outros, gerando novas respostas e novos questionamentos. Entendemos então, que o movimento coletivo do progresso do conhecimento é um processo análogo ao que descrevemos acontecendo no indivíduo. Este espelhamento nos sugere que é razoável entender que é o próprio modo do homem conhecer que impulsiona o modo social em que o conhecimento humano é desenvolvido coletivamente.

6. Considerações finais

De certo que as ambições deste texto são modestas, no entanto, a partir de um esforço de reflexão sobre o tema em questão, mesmo sem conclusão definitiva, entendemos que encontramos razoabilidade para a busca que aqui se efetivou: a afirmação da sociabilidade humana como algo constitutivo do homem a partir de uma analogia entre o progresso do conhecimento nos âmbitos individual e coletivo. O espelhamento que defendemos existir

¹⁹ Obviamente esta conclusão é um argumento condicional, e a condição é que a argumentação de Aristóteles sobre o conhecimento humano reflita algo verdadeiro.

entre o modo que os homens desenvolvem seu conhecimento na relação com os outros e o modo como o desenvolvem em sua individualidade, aponta para uma compreensão do ser humano segundo a qual a dimensão da sociabilidade é fundamental e constitutiva daquilo que somos. A questão levantada aqui não é a de reduzir o homem à sua sociabilidade. Se nossa sociabilidade nos revela como um ser de compartilhamentos, nem tudo em nós é compartilhado, não compartilhamos o nosso ser, somos incomunicáveis (diriam os medievais), e isso significa que temos uma unidade que não nos faz confundir-se com outros. Mas este ser único, individual, não se esgota na sua individualidade e só se desenvolve em suas dimensões quando aberto ao outro. A história humana é feita a partir desta capacidade de abertura ao outro, a partir do compartilhar de uma herança de saberes que continuamente impulsiona novos saberes e novas questões. Este jeito de construir sua própria história é profundamente marcado pela sociabilidade, e se é fato que é um reflexo do próprio modo de conhecer do ser humano, pensar um outro modo de ser no mundo que exclua a condição da sociabilidade não é mais pensar aquilo que é o ser humano, ou melhor dizendo, é pensá-lo repartido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARENDDT, Hannah. **A Condição Humana**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2010.

ARISTÓTELES. **Metafísica: texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale**. Trad.: Marcelo Perine. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **Segundos Analíticos, livro II**. Tradução de Lucas Angioni. Col. Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução nº. 4, Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Unicamp, 2004.

SANTOS, José Gabriel Trindade. **Platão: a construção do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2012.

_____. **A filosofia como atualização da forma do saber (Aristóteles, Metafísica A1 III)**. Revista kléos – Revista de Filosofia Antiga, v. 4, n. 4, Rio de Janeiro, junho de 2000.